

Reflexões e diretrizes para o estudo da paisagem vernacular

Reflections and guidelines for the study of vernacular landscapes

Reflexiones y directrices para el estudio del paisaje vernáculo

Bruno José Rodrigues Frank
UNESP- Ourinhos / Universidade Norte do Paraná – UNOPAR
bruno.j.frank@gmail.com

Humberto Tetsuya Yamaki
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
yamaki@uel.br

Resumo

Utilizado pela primeira vez por J.B Jackson nos anos 1970, o conceito de Paisagem Vernacular foi criado para apreciar a Paisagem considerada banal, comum, observada nos Estados Unidos da América, procurando interpretar e valorizar. E, desde então, esse conceito vem sendo trabalhado dentro dos estudos de Paisagem Cultural. A despeito da. E, desde então, esse conceito vem sendo trabalhado dentro dos estudos de Paisagem Cultural. A despeito da riqueza de interpretações possíveis, a Paisagem Vernacular não possui um tratamento teórico e metodológico sistemático. Este artigo procura preencher esta lacuna e para isso procuramos conceituar o termo e procurar pelas particularidades que diferencia das demais categorias de Paisagem Cultural. Em seguida definimos quais diretrizes e parâmetros de análise podem ser utilizados para seu estudo, seguido das abordagens mais relevantes de pesquisa. O artigo traz ainda o exemplo de um estudo com a Paisagem Vernacular no norte do Paraná, tendo como exemplo a localidade Invernada, onde são aplicados alguns dos parâmetros discutidos no texto.

Palavras-chave: Paisagem Vernacular; Paisagem Cultural; Metodologia; Teoria e prática.

Abstract

Coined by J.B Jackson in the 1970s, the concept of Vernacular Landscape was used to appreciate certain landscapes in the United States that were considered banal or common, seeking to interpret and value it. Since then, this concept has been worked within the studies of Cultural Landscape. Despite the wide range of possible

interpretations, the Vernacular Landscape as a concept does not have the systematic theoretical and methodological it deserves. The aim of this article is to fill this gap by conceptualizing it and look for the particularities that differentiate it from other categories of Cultural Landscape. Therefore, we defined certain guidelines and parameters for its interpretation, followed by the most relevant research approaches. The article also brings, as an example, the of an *Invernada* (similar to paddocks in the northern hemisphere), where some of the guidelines discussed are applied in the text.

Keywords: Vernacular Landscape; Cultural Landscape; Methodology; Theory and practice.

Resumen

Utilizado por primera vez por J.B Jackson en la década de 1970, el concepto de Paisaje Vernáculo se ha creado para apreciar el paisaje considerado banal, común observado en los Estados Unidos de América, buscando interpretar y valorar. A pesar de la gran cantidad de posibles interpretaciones, el Paisaje Vernáculo no tiene un tratamiento teórico y metodológico sistemático. En este artículo se pretende llenar este vacío, para ello se trata de conceptualizar el término y buscar las características que la diferencian de otras categorías de paisaje cultural. A continuación, definimos qué pautas y parámetros de análisis se pueden utilizar para su estudio, seguidos de los enfoques de investigación más relevantes. El artículo presenta el ejemplo de un estudio con el paisaje vernáculo en el norte de Paraná (Brasil) que tiene como ejemplo la localidad de Invernada, donde se aplican algunos de los parámetros discutidos en el texto.

Palabras-Clave: Paisaje vernáculo; Paisaje cultural; Metodología Teoría y práctica.

Introdução

Na busca de termos no site do IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Brasil constam apenas Paisagem Cultural, Arquitetura Vernacular e Arquitetura vernacular ribeirinha (IPHAN, 2020). Porém, curiosamente, não há nenhuma entrada para o verbete Paisagem Vernacular.

Já no Registro Nacional de Lugares Históricos (*National Register of Historic Places*) dos EUA por sua vez, a Paisagem Vernacular é “[...] resultado de antigas atividades, usos do solo e escolhas humanas do passado. Podem demonstrar um arranjo específico de recursos ligados mais ao uso da terra do que um projeto consciente e são em sua maioria, rurais¹. (CLEMENT, 1999, adaptado, p.6)”.

Apesar de enorme potencial de pesquisa o estudo da Paisagem Vernacular ainda é pouco desenvolvido no Brasil e nisso contrasta, por exemplo, com a geografia norte-americana onde o tema é mais recorrente. A fim de preencher este vácuo, procuramos, apoiados em autores de referência e discussões importantes, definir algumas diretrizes.

¹ Vernacular landscapes are the result of past human activities, land uses, and choices. They may display a particular arrangement of resources reflecting a significant land use, rather than a conscious design. These landscapes are often rural (ASADPOUR, 2018, s.p).

Compreende-se que, internacionalmente, o termo está associado com rusticidade ou características regionais específicas (ASADPOUR, 2018). Um exemplo é a definição da Cultural Landscape Foundation: “[...] uma Paisagem Cultural que evoluiu através do uso por pessoas cujas atividades ou ocupação a tenham moldado. As atitudes de indivíduos, famílias, grupos ou comunidades que refletem sobre aspectos culturais, físicos e biológicos de seus cotidianos” (CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, tradução própria, adaptado, 2018, n.p.)².

No Brasil, tende-se a considerar a Paisagem Vernacular como algo mais instantâneo e contemporâneo (HOLZER, 1997; HOLZER e ALCANTARA, 2008). Porém, procuramos optar por ampliar esta discussão dando maior peso aos aspectos históricos e funcionais no reconhecimento de uma Paisagem Vernacular. Desta forma realizamos um contraponto com algumas das discussões mais usuais neste campo e procuramos formalizar um quadro analítico capaz de abranger a possibilidade de diretrizes para a identificação e interpretação da Paisagem Vernacular.

O artigo encontra-se dividido em três seções: a primeira seção deste artigo dedica-se ao significado da palavra Vernacular, seus usos e os critérios de delimitação da Paisagem Vernacular. Já na segunda parte elaboramos um quadro geral dos principais estudos e características associadas à Paisagem Vernacular. Na terceira e última parte apresentamos um roteiro interpretativo a partir de um exemplo de aplicação utilizando-se de uma paisagem-tipo denominada de “Invernada”.

Breve discussão em torno do conceito de Paisagem Vernacular.

A palavra vernacular tem origem no latim *verna* e esteve associada com a denominação do local de nascimento dos escravos, durante o período de dominação romana, ganhando novos contornos até chegar na associação com as características de idioma ou de lugar (OLIVER, 2006).

Em termos gerais, associa-se às seguintes definições: “(1) forma natural ou informal do idioma em um determinado grupo; (2) Arquitetura específica vinculada ao estilo local; arte, danças, músicas etc. praticado por pessoas comuns” (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2018, adaptado). Podemos também afirmar que existe certo consenso que aponta para algo como:

[...] rural, caseiro ou tradicional (...). Costumeiramente empregada na arquitetura, como construções "não projetadas" por arquitetos, mas sim por artesãos, construída com técnicas locais, materiais locais, e com um ambiente específico em consideração: clima, tradições, e economia—predominantemente rural. (JACKSON, 1984, p.84, tradução nossa).

² Vernacular Landscapes are landscapes that evolved through use by the people whose activities or occupancy shaped those landscapes. Through social or cultural attitudes of an individual, family, or a community, the landscapes reflect the physical, biological, and cultural character of those everyday lives.

Na arte, o vernacular é utilizado para definir um efeito *naif*, casual, ligado às práticas cotidianas e senso estético pessoal, como nas soluções simples de decoração domiciliar (ALEXANDER, 2011).

De certa forma, o vernacular lida com questões do “[...] aqui e do agora, da vida cotidiana mais do que das abstrações teóricas. É, decididamente, a linguagem das ruas e da casa” (WRIGHT, 1998, tradução nossa, p.477)³.

Na Arquitetura, o vernacular representa as qualidades características de um lugar expressos no estilo, período ou grupo, e as necessidades de suas atividades econômicas e de moradia. Essa concepção encontra-se firmada no centro da concepção da Paisagem Vernacular. O enfoque reside, em grande medida, na técnica ou nas práticas construtivas, nas propriedades dos materiais, e nos princípios estruturais que estão por trás de determinadas soluções arquitetônicas (OLIVER, 2006).

Em conjunto, podemos definir a Paisagem Vernacular como uma Paisagem que tenha se constituído ao redor das atividades do cotidiano (sejam econômicas ou não) e cujas características se associem ao uso continuado. Tais paisagens podem ter evoluído organicamente, a partir de adições residuais do tempo ou a partir de diretrizes gerais de organização do território (dimensão de lotes, traçado de estradas, p.ex.), mas sem perder os contornos próprios dos indivíduos ou grupos que as realizaram. Podem também apresentar significados e simbolismos associados a estes mesmos grupos ou atividades.

Abordagens fundamentais: tempo e continuidade de uso

No universo de significados possíveis para a Paisagem Vernacular, a mais recorrente é aquela que a Paisagem Vernacular com a experiência acumulada e à continuidade e uso (WELDON, 2012; RILEY, 1987)⁴. Por isso, a questão do “tempo” do Vernacular é fundamental para nosso entendimento do que é Paisagem Vernacular.

Na visão de J.B Jackson (1970, 1984), a classificação de uma Paisagem como sendo Vernacular é bem abrangente e engloba um número muito grande de paisagens, que podem ir desde autoestradas modernas até conjuntos de ranchos antigos ou cidades medievais. Denominaremos essa abordagem mais tradicional de visão generalizante da Paisagem Vernacular.

Já nossa abordagem segue em outra direção. Acreditamos que a Paisagem Vernacular deve possuir certa historicidade para ser classificada como tal. Se tudo é Vernacular não haveria necessidade de se atribuir nenhum tipo de característica e o termo paisagem contemporânea preencheria este vácuo. Chamemos essa segunda visão de específica.

³ “[...] these are decidedly the languages of the street and the home (WRIGHT, p.477, 1998).

⁴ Riley e Weldon notam que alguns autores preferem utilizar termos como comum (*common*), ordinário (*ordinary*) ou doméstico (*domestic*) ao invés de Paisagem Vernacular (WELDON, 2012; RILEY, 1987).

De acordo com o sistema de registros de localidades históricas dos Estados Unidos, cujo trabalho em preservação é referência, para algo ser considerado “histórico” deve possuir mais de cinquenta anos (CLEMENT, 1999; SHERFY; LUCE, 1979) ou menos tempo caso seja excepcionalmente importante. Na carta sobre Arquitetura Vernacular do ICOMOS (1999), a definição de Paisagem Vernacular enfatiza os aspectos funcionais (utilitários) na vida cotidiana e ao mesmo tempo um recorte da história da sociedade (*Vernacular Heritage*).

Exemplifiquemos: No Reino Unido, associa-se o fim das tradições vernaculares com o início das ferrovias em 1840. Tal visão advém de uma suposição (incorreta) de que o construtor dessas edificações se utiliza apenas de materiais locais (OLIVER, 2006).

Isso ocorre porque há uma ênfase nos pequenos agentes, o que os leva (em grande medida como o fazem os antropólogos) a compreender a Paisagem Vernacular como resultado de comunidades ligadas a determinados grupos ou restritas a materiais construtivos locais e na cultura predominante (destes grupos) como síntese destas concepções.

Ao transpormos a discussão para o caso brasileiro, esta visão se torna incoerente com o próprio processo de transmissão de tipos de edificação e sistemas construtivos. É um processo semelhante ao da difusão de inovações. Por essa razão, o "quando" se torna relativo. Um paralelo pode ser realizado com a discussão a respeito das chamadas arquiteturas nacionais. De acordo com Neasa Hourigan (2015), cada país possui sua arquitetura nacional e em suas palavras:

[...] uma conclusão clara e definitiva da pesquisa realizada em diferentes países e regiões é que estas interpretam o vernacular de diferentes maneiras. Nos países do “Novo Mundo” a desintegração relativa do ambiente construído levou a caracterizações muito mais abrangentes do vernacular como uma arquitetura do dia-a-dia. Já em países do “Velho mundo” a tendência é enfatizar a preservação de tipologias artesanais ou não profissionais. Concluo que estas compreensões paralelas da natureza do objeto são tanto uma definição válida como um indicativo da natureza do próprio objeto (OURIGAN, 2015, p.28, tradução nossa, adaptado)⁵.

⁵ However there is one clear and defining conclusion from the research undertaken- different regions and nations interpret the concept of vernacular in markedly diverse ways. In ‘New World’ states the relative dearth of existing built fabric has led to a far more progressive characterization of the vernacular as the architecture of the everyday while longer established nations cling to the preservation of a hand made, non-professional typology. It is the conclusion of this author that this parallel understanding of the subject matter is both a valid definition and indicative of the nature of the subject matter itself.

Em seu aspecto individual, uma construção vernacular somente existe em comparação com outra que lhe dá suporte⁶ (por similaridade de tipo arquitetônico ou sistema construtivo). O mesmo pode ser dito da Paisagem Vernacular: ela só existe quando comparada a outras.

Neste sentido, podemos afirmar que, dentro das demais categorias existentes de Paisagem Cultural há uma Paisagem Vernacular com características especificamente brasileiras, ou paranaenses que, por sua vez, podem ser divididas em subtipos. No entanto, a Paisagem Vernacular não pode ser considerada como tudo à sua volta. Implica em algumas questões relevantes à sua apreciação, que serão discutidas adiante.

Síntese das abordagens fundamentais

É importante ressaltar que, de acordo com Groth (1997), são os geógrafos os mais preocupados com a utilização de uma teoria sistemática para o entendimento da Paisagem Cultural em comparação com urbanistas ou historiadores⁷.

Em artigo intitulado “Vernacular Landscape” (1987), Robert Riley procura traçar linhas gerais para o estudo da Paisagem Vernacular que considerava como um campo pouco aberto e que padecia de uma teoria sistemática⁸. Riley aponta três abordagens nos estudos da Paisagem Vernacular: a) estudos evolutivos; b) funcionais e c) percepção e significado.

A) Abordagens evolutivas são mais rigorosas e técnicas. São escritas por autores acadêmicos de forma integrada. Porém, suas análises econômicas são fracas e existe pouca consistência dos aspectos políticos associados à constituição da Paisagem (RILEY, 1987).

B) As abordagens consideradas funcionais, por sua vez, possuem forte contribuição de etnólogos urbanos e enfatizam o uso social em elo com o ambiente físico. Sua fragilidade, aponta Riley (1987), está na falta de conexão com as pesquisas de *design-behavior*.

⁶Em termos de comparação, de acordo com Sangiorgi (2008), as edificações Vernaculares rurais são moldadas de acordo com (a) limites dos recursos locais (impostos pelo meio); (b) produtividade agrária; (c) O traçado depende do ambiente natural de fatores sociais como a segurança p.ex.

⁷Numa pesquisa no portal de periódicos da Capes com o termo “Vernacular Landscape”, por exemplo, em um universo de 52 artigos pesquisados na base de Periódicos Capes, no período de 2017-2020 observou-se a primazia das áreas de Arquitetura e Patrimônio Histórico, com ênfase nas edificações e suas técnicas. Dos países com mais estudos, destacamos Estados Unidos, Inglaterra, Arábia Saudita e China. No caso destes dois últimos países, o esforço está correlacionado com a intensa destruição de vilarejos tradicionais e forte processo de urbanização o que traz a necessidade de um esforço de estudos e inventários.

⁸Interessante observar que na conclusão de seu artigo Riley acreditava que em alguns anos toda a discussão e tornaria obsoleta, confiando na capacidade de consolidação da Paisagem Vernacular como campo de estudos. Trinta e três anos depois o termo ainda não se popularizou ou adquiriu consistência ou continuidade.

C) A abordagem de percepção e significado apresenta maior flexibilidade no uso de teorias e métodos, tendo também a vantagem de enfatizar mais os aspectos afetivos do que visuais na paisagem, inspirando-se em bases fenomenológicas. Infelizmente compreendem pouco o efeito do tempo e da exposição nas culturas e nos indivíduos. Um dos problemas associados a estes estudos, é que podem sair facilmente do controle, tornando-se ensaios estéreis ou desviando-se totalmente do foco na Paisagem para outros temas ou tornando-se “incrustados em uma rede incestuosa de publicações acadêmicas” (RILEY, 1987, p.147).

É importante realizar uma distinção entre uma Paisagem Vernacular e uma paisagem etnográfica. Em linhas gerais, a Paisagem etnográfica é, ou foi em algum momento uma Paisagem Vernacular (do cotidiano), mas está associada a um determinado grupo étnico do qual se distingue claramente. Uma Paisagem etnográfica pode ser considerada uma Paisagem Vernacular em seu país de origem. As Paisagens Etnográficas “[...] são tipicamente paisagens vernaculares que contêm aspectos naturais ou culturais associados a pessoas que as consideram patrimônio” (CLEMENT, 1999, p.6-7).

Explicadas as abordagens, podemos dividir os estudos em dois tipos básicos: (1) Em função da Evolução: expressão da identidade pessoal, aspirações ou domínio territorial (os trabalhos de Hoskins, Sauer e outros geógrafos culturais encontram-se aqui); (2) Em função do Significado: como expressão de pertencimento a sistemas de valores externos (RILEY, 1987).

No que tange aos métodos, Robert Riley (1987) distingue duas formas de análise no estudo da Paisagem Vernacular: (1) integrada e (2) interpretativa⁹. Na visão integrada, o foco do estudo é uma paisagem-tipo específica. Segue procedimentos mais ou menos esquematizados de coleta e catalogação e, geralmente, inclui fatores arquitetônicos, sociais, econômicos e políticos (RILEY, 1987). Uma paisagem-tipo é uma paisagem que apresenta uma combinação de aspectos físicos e culturais semelhantes e que podem ocorrer em mais de um lugar. O viés interpretativo, por sua vez, é mais livre e costuma associar conjuntos de paisagens ou seus componentes simbólicos como representativos de uma determinada região, independente do reconhecimento de padrões ou estudos de catálogo ou inventário.

Sendo assim, possuem um conteúdo mais especulativo do que factual. No entanto, o problema destas interpretações (RILEY, 1987) é que se tornam intocáveis através da repetição sem a devida investigação da coerência e veracidade das análises.

⁹ Vale à pena ressaltar que estas características são dadas pelo conjunto geral da análise, podendo existir pontos de convergência entre si.

Quadro geral de análise

Devido à inexistência de uma metodologia específica para a análise da Paisagem Vernacular, desenvolvemos nossa abordagem a partir de nomes de referência da área tais como J.B Jackson e Paul Oliver (2006) que estudou o fenômeno da Arquitetura Vernacular (contribuindo com *insights* para nosso quadro geral) e Robert Riley (1987) que foi o único a realizar uma tentativa de recorte e classificação que englobasse a teoria, os estudos (que encontravam-se em diversas áreas) e algumas diretrizes de análise importantes. Conforme exposto na seção anterior partimos das contribuições destes autores e, em conjunto com os trabalhos de referência de Paul Groth (1997), Timothy (2014) e Alanen (2000) no que tange à metodologia, constituímos um síntese geral de características e componentes da Paisagem Vernacular (quadro 1).

Por último, poderíamos citar a influência de autores clássicos como William Hoskins e Carl Sauer na composição de nossa tabela (Quadro 1), que embora não estivessem trabalhando especificamente com o conceito de Paisagem Vernacular foram precursores de J.B Jackson e contribuíram com discussões essenciais ao campo (FRANK; YAMAKI, 2018).

Na construção dos parâmetros a serem analisados, algumas perguntas são fundamentais: Como percebemos a Paisagem Vernacular em nosso próprio "tempo"? E quais critérios são necessários para que uma Paisagem, em seu conjunto, seja considerada "Vernacular"?

Na visão de J.B Jackson (1970;1984;1994;1997), este termo englobaria desde os subúrbios, a cidade empresarial, o campo de trailers, áreas de resort e condomínios p.ex. enquadrando-os em uma definição generalizante de Paisagem Vernacular como discutimos anteriormente. Isto marcaria uma diferença fundamental entre a sua abordagem para a nossa, mais específica, aqui apresentada, centrada na passagem do tempo. A despeito desta diferença de critérios de classificação, seus ensaios, temas e métodos de análise alicerçaram e inspiraram nossos próprios parâmetros de pesquisa, a começar pelo princípio da investigação:

[...] ao investigar os fatores sociais, topográficos e tecnológicos que determinaram sua economia e seu modo de vida. No entanto, suspeito que nenhuma paisagem, seja ela vernacular ou não, pode ser compreendida se não a percebermos como uma organização do espaço, ou indagarmos quem é dono ou utiliza os espaços, como foram criados e como se transformaram. Muitas vezes são os aspectos legais que nos servem de insight; o relacionamento entre o camponês ou o aldeão e o pedaço de terra em que trabalha (JACKSON, 1984, p.150, tradução nossa, Adaptado)¹⁰.

¹⁰ [...] by investigating the topographical and technological and social factors which determined their economy and their way of life, but in the long run I suspect no landscape, vernacular or otherwise, can be comprehended unless we perceive it as an organization of space; unless we ask ourselves who owns or uses the spaces, how

De sua afirmação podemos extrair três fatores ou grupos de fatores que influenciam a leitura e interpretação da Paisagem Vernacular: (1) Tecnológicos e topográficos associados à Paisagem (casa construída em ponto alto, plantio a meia encosta ou caminhos que permitam a utilização de tratores p.ex.); (2) Tipo de produção: Se é uma paisagem rural, tipicamente associada ao plantio de café por exemplo Em outras palavras, como efetivamente se encontra organizada em torno da atividade econômica; (3) os aspectos legais que regulam o espaço (diretrizes de uso do solo, parcelamento ou legislação pertinente).

Em nosso enquadramento, o estudo do fator “tempo” é demarcatório na fronteira entre o Vernacular e o Histórico. Ao revelar a “história” na Paisagem ou aspectos e valores refletidos neste ou naquele arranjo a “[...] história nos interessa. Ou seja, realizamos o que fazemos, produzimos o que produzimos [...] uma grande parte da paisagem cotidiana foi construída por indivíduos no passado, cujos gostos, hábitos, tecnologias, opulência e ambições foram diferentes das contemporâneas.¹¹” (LEWIS, 1979, p.14, adaptado).

Este processo de inventário e julgamento do “tempo” deve sempre ser realizado em comparação com o período histórico em que se desenvolveram as principais linhas de estruturação da Paisagem, tais como: diretrizes de povoamento, abertura de fazendas e caminhos, introdução de atividades econômicas impactantes etc. Em paisagens vernaculares há uma gradual relação entre a localidade, o solo, o clima e os indivíduos.

O quadro 1, abaixo, sintetiza as características e componentes principais associados com a Paisagem Vernacular. Servem de orientação para a interpretação desta Paisagem. Estes elementos podem ser observados tanto em levantamentos de campo quanto na pesquisa documental.

Entendemos que pode ser difícil datar uma Paisagem Vernacular com exatidão, pois sua natureza flexível permite diversas mutações na forma original, incluindo inovações construtivas e novas composições (FREY, 2015). Existem padrões, linhas e manchas que são identificáveis em uma Paisagem, pois seus limites são mapeáveis. Não são necessariamente exclusivas de uma localidade ou região.

Há, porém, um padrão de consagração pelo uso, que tem continuidade na permanência do uso da técnica original. A utilização de “capoeiras”, limpeza da vegetação nativa para iniciar o plantio é um exemplo. Esta técnica foi aprimorada ao longo dos anos. Porém, mesmo com as técnicas menos intrusivas, continua a ser utilizada em larga escala. Essa consagração advém do fato de que seu uso é eficiente.

they were created and how they change. Often it is the legal aspects of the landscape that give us the clearest insight, especially into the relationship between the peasant or villager and the piece of land he works (JACKSON, 1987, p.150).

¹¹ [...] history matters. That is, we do what we do, and make what we make because our doings and our makings are inherited from the past [...] Furthermore, a large part of the common landscape was built by people in the past, whose tastes, habits, technology, wealth, and ambitions were different than ours today” (LEWIS, 1979, p.14).

Quadro 1: Síntese geral de características e componentes da Paisagem Vernacular compilada a partir de autores de referência.

PROCESSOS E FATORES	
AMBIENTE NATURAL	Implantação, resiliência e adaptação.
TRADIÇÃO (CULTURAL)	Construção de um ideal ou concepção Concentração (versus dispersão).
CONTINUIDADE	Duração de gerações Continuidade de uso Deslocamento e dispersão
FORMA OU COMPONENTES	
LIMITES OU FRONTEIRAS	Delimitação da área de influência
ESTRUTURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO	Questões simbólicas e funcionais associadas com a hierarquia e distribuição dos elementos e.
REDE DE CAMINHOS	Sistemas de estradas locais, lógica de implantação e impacto das estradas na ordem social.
VEGETAÇÃO UTILITÁRIA OU NATURAL	Continuidade de plantio ou usos tradicionais (pasto, café, ex.)
EDIFICAÇÃO OU GRUPOS DE EDIFICAÇÕES	Tipologia Modos de agrupar

Fontes: ALANEN, 2000; CLEMENT, 1999; GROTH, 1997; OLIVER, 2006; HOSKINS, 1967; JACKSON, 1979, 1984, 1992, 1997; RILEY, 1987. Organização: Autores, 2020.

Muitas soluções funcionais ou artesanais refletem o próprio grau de especialização da população responsável pela sua idealização. Um exemplo destes padrões é a organização do espaço agrícola com campos de cultivo e núcleos de edificações. Muitas edificações de caráter utilitário como moinhos, silos, estábulos, portões e casas de colonos possuem um layout comum e que podem se tornar históricos com o tempo.

Há, assim, certo “ar” nostálgico (WRIGHT, 1998) no estudo da Arquitetura Vernacular e que pode se estender no campo da Paisagem Vernacular. Este sentimento acaba muitas vezes por ser acompanhado por uma urgência no sentido de preservação histórica, e, não à toa se tornaram comuns em países que passam por uma intensa urbanização como China, Índia e Arábia Saudita. Esses trabalhos procuram inventariar desde antigos povoados a estabelecimentos rurais tradicionais. Na China, Bai e Xiao (2013) procuraram discutir algumas das diretrizes para preservação da Paisagem Vernacular, enquanto Huang e Xi

(2014) estudaram as técnicas tradicionais de estabelecimento de terraços produtivos no vilarejo de Hani. LI (2015), por sua vez, procurou inventariar as formas tradicionais de uso do solo na região de Tangyin. Na Arábia Saudita Mohamed Saleh (2001; 2003) procurou responder à intensa modernização discutindo as qualidades estéticas e a formação da Paisagem Vernacular nas Terras altas do território saudita.

Componentes e significados na Paisagem Vernacular

No decorrer do processo de interpretação da Paisagem, o papel da percepção é fundamental, mas adiciona uma dificuldade extra: a de traçar uma linha de interesse sobre quais informações são essenciais e quais são meros fatos isolados.

Definimos cinco qualidades/características centrais na definição de uma Paisagem Vernacular, sendo as três primeiras, elencadas por J.B Jackson (1970) e duas últimas pela nossa pesquisa. São as seguintes: 1) funcionalidade, 2) flexibilidade (capacidade de suportar mudanças), 3) uso, 4) tempo (passagem) e 5) significado.

Por funcionalidade, J.B Jackson entende como sendo aquela característica que determinado componente na Paisagem possui no sentido de ofício ou serventia (um silo-estocagem de grãos, portal- marcação de entrada da fazenda, cerca- controle de animais e assim por diante). Na medida em que esta paisagem se estrutura em torno do cotidiano, do trabalho, a pergunta que se deve fazer é: como ela reflete sua função? Sua “funcionalidade” explica as formas de organização.



Figura 1: Exemplo de função e uso em Paisagem Vernacular. A sede no alto oferece controle visual da propriedade e estábulos. Área de pastagem com o uso de cercas para contenção dos animais. Algumas árvores reforçam o caminho de acesso enquanto a presença de mata utilitária serve de proteção do sol, vento, etc. Fazenda de criação São Diogo, Jacarezinho-PR. Setembro de 2019.

Fonte: Autores, 2019.

Na Paisagem Vernacular podemos compreender “flexibilidade” como a capacidade que uma paisagem possui de incorporar e desfazer alterações. Suportar mudanças. Como por exemplo, a sazonalidade, o hábito de intercalar produção, replantio de pastos etc. No exemplo da fazenda acima (fig.1), mudanças no tipo de produção foram recebidas com reutilizações de antigas edificações, da produção cafeeira para a agropastoril. Mantiveram-se os antigos depósitos de grãos, agora reconvertidos em local de pernoite para os animais. A antiga sede e edificações anexas continuaram com sua função inicial, a despeito da mudança na produção.

Por “tempo”, compreendemos a passagem histórica do tempo. É possível observar o tempo a partir da pátina das telhas envelhecidas, pequenas edificações que incorporam adaptações e incrementos, assim como porteiras ou placas indicativas antigas.

As modificações impulsionadas pelo uso formam padrões. E, estes são passíveis de estudo através da identificação dos aspectos transformativos associados com atividades econômicas, assim como significados práticos e valores subjetivos. Um aspecto comum na Paisagem Vernacular é que de forma geral ela compreende uma capacidade de resiliência forte (resposta às transformações, capacidade de voltar ao original). Assim, uma cerca pode ser substituída por outra sem que necessariamente perca o sentido do todo pois os padrões em decorrência da permanência do *Layout* original.

Já por significado entendemos como a uma importância representativa atribuída a um sinal ou símbolo. Isto pode ser expresso na (fig.2), a figura de São Francisco, próximo à saída da cidade servia aos trabalhadores como benção de ida e volta da lavoura onde trabalhavam.



Figura 2: Exemplo de significado e simbolismo. São Francisco de Assis, santo padroeiro da cidade abençoa do alto, na beira da estrada os que seguem para o trabalho na lavoura. Jundiá do Sul – PR. Setembro de 2019.

Fonte: Autores, 2019.

Reconhecer a Paisagem vernacular: a localidade Invernada no Norte do Paraná

Uma viagem pela PR445 nas proximidades da cidade de Bandeirantes-PR, entre os ribeirões Cinzas e Laranjinha apresenta uma paisagem contínua, monótona. Colinas sucedem a perder de vista. O conjunto é pontuado por fazendas com sedes e anexos de planta retangular e telhado cerâmico. Implantadas a meia encosta, esse conjunto é interligado por caminhos que acompanham o relevo.

Nos arredores da cidade de Bandeirantes, às margens do ribeirão das Antas uma vista peculiar. Um conjunto de morros cercam um vale plano acompanhado pelo ribeirão. Este arranjo peculiar, junto à estrada antiga forma lugar ideal para uma invernada de gado. De fato, alguns pequenos criatórios subsistem ao redor. O local conhecido pela comunidade como “invernada” (fig.3), ainda hoje, é reconhecível pelo restaurante de beira de estrada que leva o mesmo nome. Sem conseguir delimitar a antiga invernada a comunidade simplesmente indica “por ali”. É um local histórico.



Figura 3: Antiga invernada no Bairro Invernada. Estrada antiga para Abatiá, Bandeirantes-PR. 2017
Fonte: Autores, 2017.

Considerações finais

Os componentes de uma Paisagem Vernacular são reconhecíveis porque sua lógica tradicional de estrutura espacial e de difusão segue um arranjo específico de elementos ou traços culturais, originais ou não. É o repertório de indivíduos e grupos moldados ao longo do tempo.

As transformações impressas na Paisagem formam padrões que são passíveis de estudo através da identificação dos significados e valores das pessoas que as usam, seja

no presente ou no passado. Não se trata apenas da organização racional da produção afim de atingir os meios pretendidos por seus idealizadores, mas também a constituição de um lar duradouro e seus elementos simbólicos. A pesquisa em Paisagem Vernacular deve se orientar pela busca pela continuidade e não pela desintegração.

Compreendemos que a Paisagem Vernacular possui uma capacidade de resiliência muito forte (capaz de sustentar/suportar transformações) e não precisa, como na visão clássica de autores como J.B Jackson, ser fortemente orgânica, “amadora” e livre de projetistas. Da mesma forma, não pode ser instantânea (atemporal) ou "tudo a nossa volta". O “tempo” é o que justifica a Paisagem Vernacular.

Referências

ALANEN, Arnold. Considering the Ordinary: Vernacular Landscapes in Small Towns and Rural Areas in: ALANEN, Arnold; MELNICK, Robert (Org.). *Preserving Cultural Landscapes in America*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000. P.112-142.

ALEXANDER, D. *Spetacular Vernacular*. Minneapolis: Walk Art center, 2011.

ASADPOUR, A. Vernacular Landscape; The Transition of the Past Concepts to the Contemporary Context. *The IFLA Middle East Conference (MELAC 2018): Landscape in Transition*, Teerã, p. 1-9, Maio 2018.

BAI, S.; XIAO, S. Study on Protection and Development of Vernacular Landscape of Small Towns during Urbanization. *Advanced Materials Research*, v. 1726-73, p. 4987-4990, 2013.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Vernacular. Cambridge Dictionary, 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/vernacular>>. Acesso em: 28 março 2018.

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p. 13-75.

CLEMENT, D. *General Guidelines for Identifying and Evaluating Historic Landscapes*. Califórnia 1999.

CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION. *Vernacular Landscapes*. Disponível em: <https://tclf.org/places/learn-what-are-cultural-landscapes/vernacular-landscapes> acesso em 26 de março de 2021.

FRANK, B; YAMAKI, H. A Paisagem Vernacular segundo as perspectivas de Sauer, Hoskins e Jackson. *Caminhos da Geografia (UFU. Online)*, v. 19, p. 245-256, 2018.

FREY, L. P. *Effect, form, affect: An exploration of Vernacular Landscape form change using the context of a traditional fishing village*. Gainesville: Tese de doutorado de Arquitetura apresentada na Universidade da Flórida, 2013.

GROTH, P. *Reading the Landscape*. In: Understanding ordinary landscapes. GROTH,P;BRESSI, T. New Haven: Yale University Press, 1997.

HOLZER, W. *Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e lugar, território e meio-ambiente*. Revista Território, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, Dez 1997.

HOLZER, W; ALCÂNTARA, V. *Paisagem Vernacular: aldeamentos salineiros*. Revista Poiésis v. 12, p. 89-100, 2008.

HOURLIGAN, N. Confronting Classifications - When and What is Vernacular Architecture? *Civil Engineering and Architecture*, Marietta, v. III, n. 1, p. 22-30, 2015.

HOSKINS, W. *The Making of English Landscape*. Londres: Penguin books, 1967.

HUANG, Q.; XI, X. Vernacular landscape leading the way: the holistic protection and revival of Hani's ancient village under the background of Yuanyang terraced register on the world heritage. *Advanced Materials Research*, n. 1030-1032, p. 2468-2488, 2014.

ICOMOS. *Carta sobre o Patrimônio Vernacular edificado*. 12ª Assembleia Geral do Icomos. Cidade do México, México, outubro de 1999.

IPHAN. Portal do Instituto do Patrimônio Histórico. Disponível em: <https://portal.iphan.gov.br/> acesso 09 de abril de 2020.

JACKSON, J. B. *Landscapes*. Massachussets : University of Massachussets, 1970.

JACKSON, J. B. *Discovering the Vernacular Landscape*. New Haven: Yale University Press, 1984.

JACKSON, J. B. *A sense of place, a sense of time*. Londres e New Haven: Yale University Press, 1994.

JACKSON, J. B. *Landscape in sight: Looking at America*. Nova York: Yale University Press, 1997.

LEWIS, Peirce. Axioms for Reading the Landscape. In: MEINIG, D. W. (ed.). *The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays*. Oxford: Oxford University Press, 1979. pp.11-32.

LI, W. *Research on the localization method of protecting traditional village landscape: A case study on Tangyin*. The International Archives of the Photogrammetry, p. 289-294, 2015.

MCLLELAND, L. et al. *Guidelines for Evaluating and Documenting Rural Historic Landscapes*. Washington: National Park Service, 1999 [1989]. Disponível em <https://www.nps.gov/nr/publications/bulletins/nrb30/> acesso dia 25 de março de 2021.

MEINIG, D. W. *The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

OLIVER, P. *Built to meet needs: Cultural issues in Vernacular Architecture*. Oxford: Elsevier, 2006.

RILEY, R. Vernacular Landscapes. In: ZUBE, E.; MOORE, G. *Advances in Environment behavior and design*. Dordrecht: Kluwer Group, v. I, 1987. p. 129-158.

SANGIORGI, F. The rural Vernacular Habitat, a heritage in our landscape. *Futuropa*, Bruxelas, v. 1, n. A Council of Europe Magazine, p. 4-6, 2008.

SALEH, M. A. E. *A Transformation in the Vernacular Landscape of Highlands of Southwestern Saudi Arabia*. International Journal of Environmental Studies, v. I, n. 59, p. 33-59.

SALEH, M. A. E. *Environmental cognition in the vernacular landscape: Assessing the aesthetic quality of Al-Alkhalaf village*, Southwestern Saudi Arabia. *Building and Environment*, v. 8, n. 36(8), p. 965-979, 2001.

SHERFY, M.; LUCE, W. *Guidelines for Evaluating and nominating properties that have achieved significance within the past fifty years*. Washington: National Park Service: U.S. Department of the Interior, v. III, 1979 [revisado 1998].

SPIRN, A. *The Language of Landscape*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1998.

TIMOTHY, D. Views of the Vernacular: tourism and Heritage of the ordinary. In: KAMINSKI, J.; BENSON, A.; ARNOLD, D. *Contemporary Issues in Cultural Heritage Tourism*. New York: Routledge Press, 2014. p. 32-44.

WELDON, D. T. *The Vernacular Landscape: Interpretation of the Tobacco culture at Stratford Hall*. Auburn: Dissertação de Mestrado Historic Preservation. Auburn University, 2012.

WRIGHT, G. *On modern vernaculars and J.B. Jackson*. *The Geographical Review*. , New York, v. 88.4, p. 474-483, Outubro 1998.

Bruno José Rodrigues Frank

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, licenciado em Geografia pela UNESP- Ourinhos. Atualmente é professor na Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. Integrante do Laboratório de Paisagem da Universidade Estadual de Londrina.

Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário. Cx. Postal 10.011 | CEP 86.057-970 | Londrina - PR

E-mail: bruno.j.frank@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7988-3894>

Humberto Tetsuya Yamaki

Doutor em Planejamento Ambiental pela Universidade de Osaka – Japão. Professor associado do curso de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura (UEM/UUEL) e Coordenador do Laboratório de Paisagem da Universidade Estadual de Londrina.

Centro de Tecnologia e Urbanismo Coordenador do Laboratório de Paisagem. Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário Cx. Postal 10.011 | CEP 86.057-970 | Londrina - PR

E-mail: yamaki@uel.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5776-0866>

Recebido para publicação em janeiro de 2021.
Aprovado para publicação em outubro de 2021.